



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

LICLERIS EVARISTO GUEDES ALBUQUERQUE

O PRAZER DA EXISTÊNCIA E A MORTE EM EPICURO

CAMPINA GRANDE

2016

LICLERIS EVARISTO GUEDES ALBUQUERQUE

O PRAZER DA EXISTÊNCIA E A MORTE EM EPICURO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

Co-orientador: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A345p Albuquerque, Licleris Evaristo Guedes
O prazer da existência e a morte em Epicuro [manuscrito] /
Licleris Evaristo Guedes Albuquerque. - 2016.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Nilton de Conserva Arruda,
Departamento de Filosofia".

"Co-Orientação: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva,
Departamento de Comunicação".

1.Epicuro. 2.Prazeres. 3.Morte. I. Título.

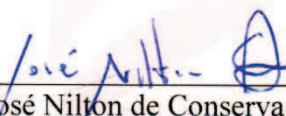
21. ed. CDD 187


LICRERIS EVARISTO GUEDES ALBUQUERQUE

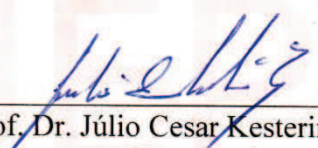
O PRAZER DA EXISTÊNCIA E A MORTE EM EPICURO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 03/10/2016.


Prof. Dr. José Nilton de Conserva Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Universidade, ao seu corpo docente, à direção e à administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

Ao meu orientador José Nilton Conserva de Arruda, pelo suporte nas correções e incentivos correções e incentivos.

Ao meu co-orientador Moisés de Araújo Silva, que me incentivou, me deu suporte, além de suas correções e orientações e seu tempo.

A minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

É insensato aquele que diz temer a morte, não porque ela o aflija quando sobrevier, mas porque o aflige o prevê-la: o que não nos perturba quando está presente inutilmente nos perturba também enquanto o esperamos.

Epicuro

O PRAZER DA EXISTÊNCIA E A MORTE EM EPICURO

Albuquerque, Licleris Evaristo Guedes¹

RESUMO

O nosso trabalho assume como objetivo refletir sobre a morte na perspectiva da filosofia, sobretudo da desenvolvida e vivenciada no epicurismo, uma das escolas do helenismo, cuja característica principal é ter compreendido, como veremos, a filosofia como um estilo de vida, uma forma de se procurar intelectualmente os meios para se ter uma vida feliz. Assim, O artigo apresenta os aspectos fundamentais que configuram a tese de Epicuro sobre a felicidade, os prazeres que importam nessa vida e a superação do medo da morte como um dos temores fundamentais que cada indivíduo deve superar para poder fruir com mais intensidade a experiência da felicidade. Desenvolvendo aspectos do atomismo de Demócrito que afirmava serem os átomos realidades de qualidades e quantidades infinitas, Epicuro entende que a morte física do indivíduo seria o fim do corpo, entendido como a junção da carne com a alma, através da desintegração completa dos átomos. Além disso, depois de mortos, cessam também as sensações, não se sente mais nada, logo, não há o que temer com a morte, nem também o que esperar depois dela, daí, pois o mais importante: viver o presente.

PALAVRAS-CHAVE: Epicuro. Prazeres. Morte.

INTRODUÇÃO

A morte, que nada mais é que um evento natural da vida humana continua sendo um fato que acompanha a humanidade em seu desenvolvimento. Abruptamente a morte interrompe toda uma caminhada e não permite que se dê prosseguimento a sonhos e projetos, porém deixa aos que aqui ficam a lembrança, a saudade, a tristeza pela perda do outro e de seus sonhos não mais realizáveis além de dar a certeza que muito em breve seremos um de nós a partir.

¹ Aluna de graduação da Licenciatura em Filosofia da UEPB.

Na Grécia antiga a imagem da morte estava associada ao deus *Tânatos*, personificação masculina e sombria do fim, o ceifador. Já o deus do submundo era *Hades*, filho de Réia e Cronos, irmão de Poseidon e Zeus, estes últimos juntos, derrotaram seu pai, Cronos; e como o mundo era dividido em três partes, Zeus ficou com os domínios da terra e do céu, Poseidon com os mares e os rios e a Hades coube o mundo subterrâneo e os seres das sombras, comandando o mundo para onde todos os que morriam iriam. Considerava-se o processo de morrer uma descida aos reinos de *Hades* pelas mãos da morte. Assim o morrer era compreendido como um acontecimento que dizia respeito à *psykhê* – a alma – deixar o corpo e se encaminhar pelo rio Aqueronte ao mundo dos mortos. Dessa forma se temia a morte e se sonhava com a vida eterna; porém esta era garantida só para os deuses. Esta crença influenciou em grande parte a cultura ocidental.

Podemos conceber a morte de três formas: a ciência a vê como a extinção de um organismo, o exato momento em que o ser humano deixa de existir, igual uma máquina que para de funcionar e não tem mais conserto; para algumas religiões é uma transição para a vida eterna enquanto se aguarda o juízo final; já a filosofia concebe a morte como um fim em função da totalidade da vida.

Cada escola define-se por uma escolha de vida, por uma opção existencial. A filosofia é amor e investigação da sabedoria, e a sabedoria é, precisamente, um modo de vida. A escolha inicial, própria de cada escola, é a escolha de um tipo de sabedoria (HADOT, 1999, p. 154).

O nosso trabalho tem como objetivo refletir sobre a morte na perspectiva da filosofia desenvolvida e vivenciada no epicurismo, que é bem mais que uma reflexão abstrata sobre temas filosóficos, se constituindo como um modo de bem viver e de aprender a morrer. Ao eleger determinada filosofia, o indivíduo escolhe também um estilo de vida, isto é, de como vai direcionar a sua vida em função de escolhas decisivas.

Caminhos para a felicidade no epicurismo

Desde Sócrates até os pensadores contemporâneos, Heidegger, por exemplo, fala-se sobre a morte tentando entendê-la e até evitá-la. No diálogo platônico **Fédon** 64a Sócrates diz: “Receio, porém, que quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto”. Para Sócrates, estar pronto para a morte é estar pronto para aquele derradeiro momento em que a alma humana, libertando-se de sua prisão que é o corpo, poderá reencontrar-se com as almas perfeitas com quem esteve junta outrora. Já para Heidegger (2007, p. 309-15) “o homem é um ser para a morte”. Para o filósofo alemão, “logo que nasce o ser humano já é suficientemente velho para morrer”. Mas como até o momento ainda não morremos, continuaremos vivendo, e sempre com a certeza de que a vida é finita. Assim, pois, devemos viver com intensidade e feliz e, conseqüentemente, termos uma morte tranquila e serena.

É desta forma que pensa Epicuro, filósofo grego nascido em 341 a.C., cuja doutrina atua objetiva livrar os homens do medo da morte, da dor e dos deuses. Sua reflexão filosófica centra-se no equilíbrio interior e na busca da felicidade. A doutrina de Epicuro tornou-se de grande importância para o período helenístico.

Para realizar esse propósito, ao mesmo tempo reflexivo e vivencial Epicuro comprou uma casa com jardim, a qual era uma propriedade para se obter renda. Mas o filósofo se reunia com seus discípulos nesse jardim e lá passava o dia a falar de sua doutrina. Essas reuniões mais pareciam um encontro de amigos e não de um mestre com seus discípulos. Dessa forma a característica mais notável da escola epicurista é a amizade entre seus frequentadores, tanto dos mestres com os alunos como dos alunos entre si. Epicuro escreveu inúmeras obras, dentre elas as cartas a *Meneceu*, *Heródoto* e *Pítocles*, além de máximas e sentenças ontológicas.

A doutrina de Epicuro surge em um momento em que as pessoas estavam insatisfeitas com a condição das Cidades-Estados gregas. A vida era marcada pela injustiça social e o poder estava com a aristocracia urbana. Já no contexto religioso predominava a superstição, a procura por oráculos e a crença em adivinhações. Assim, frente às adversidades do presente, desenvolvia-se uma grande busca para se decifrar o futuro, no intento de saber se ele seria melhor do que o presente.

A doutrina epicurista é dividida em três partes que se complementam: canônica, física e ética. A parte canônica está voltada para o desenvolvimento de uma reflexão centrada na busca e elaboração da verdade; a parte chamada de física é constituída por um estudo que objetiva compreender a constituição do real; por fim, a parte ética se constitui na antropologia do epicurismo, nela encontramos uma reflexão sobre o fim do homem, compreendido como a felicidade, analisando todos os meios que possibilitam alcançá-la e mantê-la.

Filosofia como estilo de vida

Epicuro desenvolveu sua filosofia segundo a finalidade do bem viver. Ela é norteadada pelo lema *Carpe Diem*, expressão latina que significa "colhe o dia", saboreie o presente.

Com esse objetivo, Epicuro propõe uma explicação do mundo que deve muito às teorias "naturalistas" dos pré-socráticos, em especial à de Demócrito: o Todo não tem necessidade de ser criado por uma potência divina, pois é eterno, porquanto o ser não pode ser proveniente do não-ser mais que o não-ser não pode ser proveniente do ser. Esse universo eterno é constituído pelos corpos e pelo espaço, isto é, o vazio, no qual se movem. Os corpos que vemos, os corpos dos seres vivos, mas também os corpos da Terra e dos astros, são constituídos por corpos indivisíveis e imutáveis, em número infinito, os átomos, que, caindo com força igual em linha reta, graças a seu peso, se unem e geram corpos compostos, no momento em que se desviam infinitamente de sua trajetória. Os corpos e os mundos nascem, mas também se desagregam, em consequência do movimento contínuo dos átomos. Na infinitude do vazio e do tempo, há uma infinitude de mundos que aparecem e desaparecem. Nosso universo é apenas um dentre eles (HADOT, 1999, p. 177).

Essa insistência para que o indivíduo aproveite o momento presente é uma consequência de sua simpatia pela teoria atômica de Demócrito. Recorrendo a ela Epicuro pôde justificar a constituição de tudo o que há, pois de acordo com o atomismo de Demócrito os átomos são de qualidades e quantidades infinitas. Sendo assim, a morte física do indivíduo seria o fim do corpo, entendido como a junção da carne com a alma, através da desintegração completa dos átomos. Além disso, depois da morte cessam também as sensações, não se sente mais nada. Logo, não há o que temer com a morte, nem também o que esperar depois dela. Daí, pois o mais importante é viver o presente.

Podemos perceber o quanto a doutrina epicurista é materialista. E esse materialismo tem como finalidade libertar o homem de tudo àquilo que não for inerente à natureza. Dessa forma, ele vai diferir completamente do materialismo mecanicista, que considera a realidade como uma grande engrenagem mecânica, considerando as leis da mecânica como base para se compreender a natureza e as relações sociais. (Silva, 2007, p.35-36)

Assim, de um lado, o homem não teme os deuses, pois eles não exercem nenhuma ação sobre o mundo e sobre os homens, e, de outro, o homem não deve mais temer a morte, porque a alma, composta de átomos, desagrega-se como o corpo, quando morre, e perde toda sensibilidade, 'a morte nada é para nós, visto que nos bastamos a nós mesmos; a morte nada não é e, quando a morte é, não existimos mais', é dessa maneira que Diano resume as afirmações da Carta a Meneceu: nós não somos mais nós mesmos quando a morte sobrevém. Por que então temer algo que nada tem a ver conosco? (HADOT, 1999, p. 178)

Para Epicuro, se os deuses existem estão em uma dimensão completamente alheia a nossa e nada têm a ver com o destino dos homens. Sendo assim, a felicidade do homem não depende dos deuses, mas da compreensão que tem da natureza e de sua capacidade de agir em conformidade com a mesma.

A ética epicurista começa com uma reflexão teórica sobre as virtudes que devem trazer um equilíbrio interior, estado necessário para se alcançar a vida feliz. Mas "Isso não quer dizer que esse discurso teórico não responda às

exigências de coerência lógica: bem ao contrário, é ela que faz sua força. Mas, ao exprimir ele próprio uma escolha de vida, quer conduzir a uma escolha de vida” (HADOT, 1999, p. 160). Os dois momentos estão indissolivelmente associados: desenvolve-se uma reflexão teórica, mas pensada diretamente para a vida prática, isto é, modela-se teoricamente uma vida feliz e ao mesmo tempo impulsiona-se a viver este estilo de vida. Assim, como se pronuncia Epicuro:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos (EPICURO, 2002, p. 1).

Podemos perceber que o epicurismo busca realizar o que nós costumamos chamar de sabedoria de vida, ele fundamenta conhecimentos que se traduzem em preceitos para orientar as coisas práticas da vida. Neste sentido, Epicuro adverte:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que à hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou à hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz (EPICURO, 2002, p. 1).

A filosofia epicurista tem, então, como propósito mostrar aos homens como atingir a felicidade, e que este estado de felicidade é caracterizado por duas atitudes fundamentais: a primeira atitude é chamada de *aponia*, que significa a ausência de dor física, uma das fontes dos nossos medos e inquietações; a segunda atitude é a *ataraxia*, a imperturbabilidade da alma.

A justa satisfação dos desejos

Para garantir que o indivíduo possa atingir esses dois estados que lhes proporcionarão vivenciar a felicidade, Epicuro os distinguiu a partir de uma compreensão dos desejos da seguinte forma:

1. Os desejos naturais e necessários que correspondem às necessidades elementares, tais como comer quando se tem fome, beber quando se tem sede, dormir quando se tem sono.

2. Os desejos naturais, mas não necessários, que seriam comer bem, beber bebidas refinadas, dormir em quarto suntuoso, e assim por diante.

3. Os desejos não naturais e não necessários estes são produzidos por opiniões vazias, desejos sem limites de riqueza, de glória ou da imortalidade. (cf. REALE, 2005, p.247).

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo (EPICURO, 2002, p. 2).

A riqueza conforme a natureza está no pão de cada dia, na água e no abrigo para o corpo. Já a riqueza supérflua faz com que o homem tenha desejos ilimitados, fazendo com que este tenha uma alma perturbada, pois para sermos felizes basta-nos o primeiro núcleo de desejos, este já nos permite copiosa riqueza e felicidade, e para isso basta a nós mesmos. E é nesse

bastar-se-a-si-mesmo que está a real riqueza e felicidade. Epicuro buscou na natureza a máxima para seu pensamento: “O homem a exemplo dos animais, busca afastar-se da dor e aproximar-se do prazer”. Mas o prazer de que fala o filósofo é o do sábio, que tem uma mente quieta e o domínio sobre as emoções, logo, sobre si mesmo. É o prazer da justa medida e não dos excessos. Entre os prazeres encontra-se para Epicuro a amizade, que leva à felicidade. Na obra “A Carta sobre a Felicidade”, escrita a Meneceu, Epicuro discursa sobre a conduta humana com o objetivo de alcançar a felicidade ou saúde do espírito. Deve-se pensar a morte como um acontecimento natural e necessário, pois a morte nada mais é do que o limite da vida, sua finitude. Agindo assim o homem pode viver intensamente e de modo sereno; do contrário, fica pensando ou imaginando a morte, sofrendo por antecipação. Não se deve negar a possibilidade de se ter uma vida tranquila e feliz, vivenciando uma eterna angústia, um sofrimento que não leva a nada. Independente do querer ou a imaginação a morte é um fato, ela faz parte da vida. Uma vez que nascemos, estamos morrendo. Assim sendo, conhecer é compreender o limite do que pode ser dito e do que pode ser imaginado.

“[...] o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do espírito, visto que esta é finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo”. (EPICURO, 2002, P. 35).

Um aspecto fundamental do epicurismo é considerar que se põe para o indivíduo uma escolha decisiva e uma experiência norteadora para toda sua vida. Quanto à experiência do corpo, por exemplo, exige-se não sentir fome, sede e frio, mas que se busque o prazer, trilhando caminhos que consigam contornar o que conduz ao sofrimento. Essa é a experiência decisiva: a escolha que se põe. O indivíduo deve ser movido pela procura do seu prazer e interesse. A função da filosofia é oferecer procedimentos racionais para que seja possível identificar o único prazer verdadeiro, o prazer da existência. A infelicidade decorre da ignorância do verdadeiro prazer.

Um dilema se põe nessa busca: não satisfeitos com o que possuem, os homens buscam aquilo que não podem alcançar. Além do mais, o indivíduo é sempre tensionado pelo medo de perder o prazer que já alcançou. Dessa forma, o sofrimento decorre desse sentimento, dessa avaliação equivocada que constitui um sentimento de perda possível elaborada na sua alma, pois não há prazer ou sofrimento sem registro na consciência que se traduza no corpo.

A tarefa da filosofia, na concepção de Epicuro, será eminentemente terapêutica: curar as doenças da alma ensinando a viver o prazer. O método para se atingir esse prazer se traduzirá como uma “ascese dos desejos”. Os desejos imensos e vazios se traduzem em dor e sofrimento. Os indivíduos se sentem pressionados por desejos que não conseguirão realizar porque são projetados em grande escala: a riqueza, a luxúria e a dominação. A ascese dos desejos irá possibilitar a distinção entre os desejos naturais e necessários, os naturais e não necessários e o que são classificados como desejos vazios, os que não são naturais e nem necessários. A dinâmica da ascese consistirá em limitar os desejos que são naturais, mas não necessários e erradicar os que não são naturais e nem necessários. A ascese dos desejos conduzida pela reflexão filosófica faria com que o indivíduo aspirasse somente aos desejos naturais e necessários.

O medo da morte como uma ilusão

Porém, uma ameaça paira constantemente sobre essa felicidade construída pela reflexão filosófica que orienta a ascese dos desejos: o medo da morte e das intervenções divinas. A vivência de um prazer pleno será impossível se o indivíduo viver assombrado pelo medo da morte nesta vida e pela decisão dos deuses na outra. As duas partes que constituem a filosofia de Epicuro procura justamente oferecer uma terapia que cure os indivíduos desse duplo medo, exorcizando o medo da morte e das decisões divinas.

Para ele, será preciso desenvolver uma compreensão do mundo que anule esses dois temores, mostrando, por um lado, que os deuses não estão

na origem deste mundo e que não se preocupam com a sua condução e destino, nem com a vida de cada indivíduo de modo particular; e, por outro lado, que a morte não é nada para nós, não interfere em nada na nossa vida cotidiana.

A noção de desvio dos átomos tem dupla finalidade: de uma parte, explicar a formação dos corpos, que não poderiam constituir-se se os átomos se contentassem em cair em linha reta com força igual; de outra, ao introduzir o 'acaso' na 'necessidade', dar um fundamento à liberdade humana. De um lado, o homem deve ser senhor de seus desejos: para poder atingir o prazer estável, é necessário que ele seja livre; mas de outro, se sua alma e seu intelecto são formados de átomos materiais movidos por um movimento sempre previsível, como o homem poderia ser livre? A solução consistirá precisamente em admitir que é exatamente nos átomos que se situa um princípio de espontaneidade interna, que não é senão essa possibilidade de desviar-se de sua trajetória, o que dá, assim, um fundamento à liberdade do querer e a torna possível. (HADOT, 1999, 177-178)

Dois temas merecerão uma consideração especial, pois estão diretamente associados à felicidade: uma análise do real significado da morte para nós, “acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações” (EPICURO, 2002, p. 1), e uma meditação sobre a liberdade entendida como autarquia, no sentido de auto-suficiência, interpretada como um grande bem, pois permite que cada homem possa dispor de sua vida com autonomia e responsabilidade. Cada passo da ética epicurista envolve “um exame cuidadoso (...) que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos” (EPICURO, 2002, p.3). O equilíbrio interior é perturbado por valorações erradas que conduzem a prazeres não duradouros, daí a necessidade da reflexão para identificação dessas falsas opiniões. Tal posição é bem exemplificada com a meditação sobre a morte, pois quando bem compreendida, dissipa-se o temor:

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não

estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida. O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não-viver não é um mal. (EPICURO, 2002, p.2).

Este pensamento leva a uma concepção de que o homem vive sua vida através de escolhas, as quais podem levar a um bom caminho, que seria o da felicidade ou a um mau caminho, que o levaria a dor e ao sofrimento. Porém essas escolhas garantem ao homem o seu bem viver. Pode-se dizer, de maneira geral que não se deseja a própria morte; mas, em alguns momentos, haverá sempre alguém que a desejará “como descanso dos males da vida”. (EPICURO, 2002, p. 29).

Desta forma, Epicuro aborda de forma radical o tema da morte, que gera dor e falta. Mas se o homem sabe viver com sapiência, pode ter uma vida feliz mesmo diante da perspectiva da morte.

[...] Acostuma-te a idéia de que a morte para nós é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito ou eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO, 2002, p. 27).

Epicuro defende a ideia de que nada está além dos nossos sentidos, não há realidade que não possa ser entendida com o auxílio dos nossos cinco sentidos. Para ele as sensações são os mensageiros do ser, pois só os sentidos podiam captar toda a verdade do ser de forma infalível. Ele apresenta três argumentos para provar a veracidade absoluta de todas as sensações, são eles:

1. A sensação é uma alteração e, em consequência passiva, é produzida por alguma coisa da qual é o efeito correspondente e adequado;

2. A sensação é objetiva e verdadeira porque é produzida e garantida pela própria estrutura atômica da realidade;
3. A sensação é a-razional, incapaz de retirar ou acrescentar qualquer coisa a si mesma sendo por isso objetiva.

As sensações são produzidas a partir do contato com algo real e material e essas noções chegam à mente através das afecções. Logo, o que ela capta, é verdadeiro. No entanto as imagens podem ser falsas. Dessa forma, o grande perigo não está nas sensações enquanto responsáveis pela formação dos conceitos, mas nas imagens que passam pelos sentidos, e a forma como são interpretadas.

Com esta concepção a respeito das sensações Epicuro apresenta uma nova forma de lidar com a nossa finitude, com a limitadora realidade da morte, esclarecendo que a morte para quem compreende a vida ao modo do epicurismo deve ser encarada com equilíbrio, tranquilidade e determinação, pois não cabe ao homem determinar o tempo de vida dele ou do outro, nem tampouco se angustiar pensando quanto tempo de vida lhe resta, muito pelo contrário, ele deve viver de maneira plena, com alegria, porém na justa medida, não cometendo excessos, nem privando a si mesmo de viver por temer o amanhã.

Se recusas todas as sensações, não terás mais possibilidade de recorrer a nenhum critério para julgar as que, entre elas, consideras falsas. (EPICURO. 1973, p.22).

Considerações finais

Este artigo procurou apresentar a reflexão desenvolvida por Epicuro sobre o prazer de viver bem, e a necessidade de saber lidar com o temor da morte que nos acompanha ao longo da vida. Considerando que o propósito da vida é experimentar a felicidade, Epicuro considerou que o viver bem é viver com o necessário, sem grandes expectativas, e a morte nada mais é do que a privação das sensações, e que diante desse fato não devemos nos angustiar com essa certeza que aguarda todos nós, mas procurar viver uma vida plena, usufruindo do presente da melhor forma possível, pois enquanto existirmos a morte não será nada, e quando a morte chegar, já não existiremos, assim sendo não temos com o que nos preocupar.

Porém, a realidade existencial é que continuamos a temer a morte e não a aceitamos como uma parte constituinte da própria vida, uma realidade tão natural quanto à própria existência. Pois todos somos mortais, e a outra face da vida é a morte. Aceitar a finitude da nossa existência exige um longo aprendizado que cada indivíduo pode realizar a partir da reflexão, da vivência religiosa ou das experiências existenciais quando testemunha a morte dos outros. Daí que alguns sábios terem afirmado que bem viver é aprender a morrer.

A sociedade atual não aceita a realidade da finitude, a ponto de não querer nem mesmo falar sobre tal possibilidade. Nela vivemos como se fossemos imortais. Em tempos muito anteriores, a religião e os antigos rituais tornavam a morte mais familiar para nós, tornando mais fácil a sua aceitação. Com o avanço da tecnologia a humanidade acha que pode ser imortal e esquece-se de viver o presente na busca incansável do impossível que é impedir a própria finitude.

Considerando tudo o que testemunhamos nos tempos atuais, esse imenso desejo de imortalidade, e uma conseqüente negação da finitude,

julgamos ser importante meditar sobre o pensamento de Epicuro, recordando que ele propôs uma terapêutica para curar os fenômenos patológicos dos medos e temores, para melhor podermos aproveitar o presente da vida, sua proposta ficou conhecida como o célebre tetrafármaco. Que pode ser assim resumida:

1. Não temer a morte;
2. Não temer os deuses;
3. Não ser ambicioso;
4. Os males só têm duração breve e só trazem consigo breves dores.

O nosso estar-no-mundo traz a marca indelével da sombra da morte, e isso não poderemos nunca anular nem contornar. Daí ser mais tranquilizador aprender a conviver com a nossa finitude. A filosofia de Epicuro, entendida como uma forma de vida, não uma mera reflexão, sintetizado no tetrafármaco, aponta-nos uma possibilidade de se ter uma vida plena aceitando nossa finitude. Tornar raros os momentos de prazer é o que torna os prazeres uma fonte de alegria e felicidade.

ABSTRACT

Our work takes reflects on death from the perspective of philosophy, especially of the developed philosophy and lived in Epicureanism, one of Hellenism schools, whose main characteristic is to be understood, as we shall see philosophy as a lifestyle, a way to seek intellectually the means to have a happy life. Thus, the article presents the fundamental aspects that shape the Epicurean thesis on happiness, the pleasures that matter in life and overcoming the fear of death as one of the main fears that each individual must overcome to enjoy power with more intensity the experience of happiness. Developing atomism aspects of Democritus who claimed to be the atoms realities qualities and infinite quantities Epicurus believes that physical death of the individual would be the end of the body, understood as the sum of the flesh with the soul through the complete disintegration of atoms. Moreover, after death, also cease sensations, does not feel anything, so there is nothing to fear from death, nor what to expect after it, then because the most important to be living in the present

KEYWORDS: Epicurus. Pleasures. Death

REFERÊNCIAS

CHÂTELET, François. História da filosofia: ideias e doutrinas. In: **A filosofia pagã**. Tradução Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GOMES, Taúria Oliveira. **A ética de Epicuro: um estudo da carta a Meneceu**. Revista Eletrônica Print by UFSJ <[HTTP://www.funrei.br/publicações/METAVÓIA](http://www.funrei.br/publicações/METAVÓIA)>METAVÓIA. São Paulo del-Rei, n.5, p.; julho.2003.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: VOZES, 2009.

PLATÃO. Fédon. Coleção os Pensadores. Trad. José Cavalcante de Sousa. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

REALE, Giovanni. História da Filosofia: **Antiguidade e Idade Média**/ Giovanni Reale. Dario Antiseri. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: PAULUS, 1990.

RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. Livro I. São Paulo. CEN, 1967.

SAVIAN, Juvenal. **O Epicurismo e a ética do prazer e da prudência**. BIOETHICOS- Centro Universitário São Camilo- 2009.